Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 461

11 DE OUTUBRO DE 1891

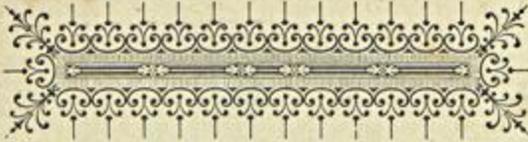
REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

INUNDAÇÕES EM HESPANHA

EM ALMERIA — ASPECTO DA RUA DEL «GRAN CAPITAN», DEPOIS DA INUNDAÇÃO DO DIA 12 DE SETEMBRO

(Segundo desenhos publicados pela *Ilustracion Española y Americana*)

CHRONICA OCCIDENTAL

A questão de S. Carlos foi a questão magna da semana.

Foi ella o assumpto de varios conselhos de ministros, foi ella o thema de numerosos artigos de fundo, foi ella a mãe das mais desencontradas versões. Essa questão de S. Carlos que surgiu de pé para a mão, quando o theatro começa a limpar o pó das suas bancadas para abrir as portas ao publico, não deixa de ser original e ao memo tempo é tristemente symptomatica do zelo muito extravagante, como certos negocios do Estado tem sido tratados entre nós.

Eis como se conta a historia:

Tratando de arranjar o seu theatro para começar a funccionar, a empreza de S. Carlos vendo que havia um desarranjo qualquer importante nas machinas da luz electrica, dirigiu-se ao governo, a quem essas machinas pertencem, pedindo para mandar proceder ás reparações necessarias.

O governo principiou a tratar d'isso e foi então que descobriu uma coisa que o encheu de assombro.

Essa coisa foi que quem ha muitos annos pagava a luz electrica de S. Carlos era o Estado, uma luzinha que importava ao thesouro n'uns poucos de contos de réis por anno, despeza que o contracto com a empreza não justificava de maneira alguma, e que nenhuma lei auctorisava.

Ao mesmo tempo o governo soube que a installação da luz electrica em S. Carlos custara ao Estado cento e tantos contos de réis, e soube outras novidades muito originaes e não menos assombrosas.

Por exemplo, soube segundo, se diz, que a antiga canalisação de gaz tinha sido completamente destruida, de modo que para de novo o theatro ser illuminado a gaz seria necessario gastar contos de réis n'uma canalisação nova; soube que o velho lustre de S. Carlos, aquelle enorme lustre que era o maior, o mais elegante e mais rico que havia no paiz, desapparecera, se perdera como se perde um botão de camisa...

E isto soube-se porque tendo o sr. ministro das obras publicas, que zela escrupulosamente os interesses do Estado, communicado á empreza que o governo não pagaria mais as despezas do consumo da luz electrica e se limitava a fornecer o theatro em estado de funccionar, ou com a luz electrica ou com a illuminação a gaz, correndo depois as despezas da illuminação por conta da empreza, esta lhe participou, conta-se, que então queria o theatro illuminado a gaz.

Tratava-se por tanto de pôr a illuminação a gaz em estado de funccionar, o que devia ser facilimo desde o momento em que toda a canalisação devia estar intacta.

E foi então que se descobriu *lê pot aux roses*: a canalisação tinha sido quasi toda estragada, o lustre tinha desapparecido?

Como fôra isso? Para que se inutilisára a canalisação do gaz? quem vendera o lustre? Mysterio profundo, que naturalmente nunca se desvendará. Depois d'estas descobertas é que surgiu a questão de S. Carlos.

Sendo impossivel organisar a illuminação a gaz em estado de funccionar até ao fim do mez — abertura do theatro — não pagando o governo a despeza do consumo da luz electrica, como desde o principio se tinha feito, a empreza achou difficuldades, que facilmente se comprehendem, em abrir o theatro.

A receita da época deve ser a mesma dos annos anteriores, senão menor em enconsequencia da crise monetaria e financeira; a despeza sobe com certeza immenso porque á despeza habitual vem esta época juntar-se o costeio da illuminação electrica, que segundo se diz orça por seis ou sete contos de réis, e além d'isso a subida do cambio, a elevação do preço do franco, moeda em que se pagam as escripturas dos artistas, elevação que sobe a vinte contos ou mais.

A empreza ao que nos dizem ponderou isto ao governo e ao mesmo tempo que tinha todas as suas escripturas feitas, todos os seus compromissos tomados, e por seu lado o governo respondeu que nada tinha com essas difficuldades, que o contracto do Estado com a empreza adjudicante de S. Carlos era fornecer-lhe o theatro em estado de funccionar e dar-lhe o subsidio annual de 25 contos, que isso faria o governo, e nada mais porque a mais nada estava auctorisado pelas leis.

A questão veio para os jornaes, tornou-se do dominio publico, sendo toda a gente unanime em louvar o procedimento correctissimo do governo.

Então começaram a correr varias versões, umas, que a empreza rescindia o seu contracto e não haveria este anno theatro de S. Carlos, outras, que visto as escripturas estarem já feitas o governo manteria essas escripturas e administraria o theatro por sua conta, outras, que o sr. Pacini tomaria a empreza de S. Carlos, acceitando a companhia escripturada, e os compromissos tomados, e prescindindo além d'isso de parte do subsidio, etc.

Finalmente porém nenhuma d'essas versões se realisou e a questão resolveu-se ficando a mesma empreza, que já publicou o elenco da sua companhia, e já abriu a assignatura para a proxima época que deve começar no dia 27 do corrente mez.

O governo porém manteve ao que se diz a sua resolução, mas parece, segundo vemos em alguns jornaes, que um grupo de frequentadores de S. Carlos tomou a seu cargo cobrir as despezas da illuminação, para que não deixasse de haver theatro lyrico este inverno, em Lisboa.

Tout est bien ce qui finit bien.

*
* *

Temos presente o elenco da companhia, no qual figuram alguns artistas já nossos conhecidos: — o tenor Gabrielesco, um dos melhores que tem vindo a Lisboa, um bello artista que tem tido no Rio de Janeiro um successo colossal, um excellente tenor em toda a parte e hoje um dos primeiros do mundo lyrico: o baritono Battistini, um grande cantor que tem reputação universal, e que em Lisboa creou magistralmente ha tres annos o Yago, no *Othello* de Verdi: a prima-dona Adelia Borghi, que em tempo esteve em S. Carlos, e que depois tem feito carreira brilhante, sendo hoje considerada uma das primeiras *Carmens* e que vem escripturada só para dois mezes, janeiro e fevereiro; e a contralto Renèe Vidal da Opera de Paris, que esteve cá ha tres annos, dois mezes apenas, emquanto não vinha a Pasqua, e que se fez applaudir na *Aida* e no *Propheta*.

O resto da companhia é todo novo, mas d'alguns dos artistas temos excellentes informações, como por exemplo do baixo Tansini, do barytono Stinco, e do tenor Bajo, um tenor hespanhol, que no anno passado teve na Russia grande successo.

A empreza promette para esta epoca tres operas novas o *Tannhauser* de Wagner, a *Cavallaria Rusticana*, opera em 1 acto de Mascagni, que fez a celebridade do seu auctor, e *Villi*, de Pucini.

*
* *

No theatro de D. Maria houve tambem um acontecimento que sobresaltou todos aquelles que se interessam pela sorte do theatro portuguez.

Constou que o illustre actor Brazão e a eminente actriz Rosa Damasceno se tinham despedido do theatro e só representavam ali até ao fim de dezembro.

A sahida do theatro de D. Maria dos dois notaveis artistas era um acontecimento deploravel para o nosso theatro. Brazão e Rosa faziam uma enorme falta ao theatro de D. Maria e o theatro de D. Maria fazia uma falta enorme a Rosa e a Brazão.

Felizmente consta que nada d'isso acontecerá e que Rosa Damasceco e Brazão continuam a representar no primeiro theatro do nosso paiz.

Ainda bem para o theatro, para elles, e para a arte dramatica portugueza de que Brazão e Rosa são duas das mais brilhantes glorias.

Se porém teremos o prazer de ver Rosa Damascenó e Brazão continuar a representar no theatro de D. Maria ao lado dos seus gloriosos collegas João e Augusto Rosa, parece que não teremos este anno o gosto de ver no palco d'esse theatro outra grande actriz que é justamente um dos idolos mais queridos do publico de Lisboa, a illustre actriz Virginia.

Em seguida a uma operação delicada Virginia cahiu n'um estado de anemia e de nervosismo que não inspiram serio receio, mas que fazem padecer muito a famosa actriz e a afastam por muito tempo da scena onde tantas glorias tem conquistado.

Fazemos votos sinceros pelas melhoras e pelo completo restabelecimento da grande artista.

*
* *

E fallando de doentes illustres registamos aqui com verdadeiro jubilo a noticia da entrada em plena convalescença do sr. conselheiro Lopo Vaz, o eminente estadista que durante mezes esteve entre a vida e morte, com uma febre typhoide que lhe sobreveio a um attaque de influenza.

O sr. Conselheiro Lopo Vaz, que pelas suas altas qualidades pessoaes conta tão numerosos e dedicados amigos, e que pelas suas altas qualidades de estadista tão proeminente lugar occupa na politica portugueza, acha-sé em via de restabelecimento da gravissima enfermidade que tanto sobresaltou o paiz inteiro, e muito em breve retomará conta das duas pastas confiadas ao seu cargo, a do reino e a da instrucção publica, e voltará á politica activa em que occupa um dos principaes papeis.

Folgamos sinceramente com o restabelecimento do famoso estadista.

*
* *

Fez grande sensação em toda a Europa uma noticia que ha dias nos veio de Bruxellas — a noticia do suicidio do general Boulanger, — o *brav'general* que ha annos tão fallado foi em toda a França e que por um triz esteve a occupar um lugar proeminente na historia do mundo.

A eleição de Carnot desfez o romance politico de Boulanger, e o chefe do boulangismo expatriado, esquecido, abandonado, acabou lugubremente, com um tiro de revolver, essa vida que tanto deu que fallar e que n'um momento tão prefundamente, tão inexperadamente, e tão inexplicavelmente agitou a França inteira.

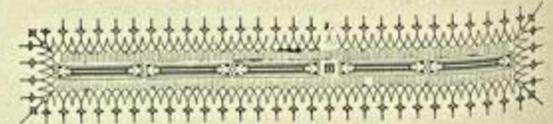
Boulanger matou-se sobre o tumulo de madame de Bonnemains, a sua companheira adorada, que a tisica ha semanas lhe roubára.

Foram a saudade e o amor que o levaram ao suicidio? foi a desesperança no futuro? foi o exemplo de Balmaceda a quem chamavam o Boulanger da America do Sul?

Quem o sabe? Pode muito bem ser mesmo que fossem todas as tres cousas juntas; o que é certo é que no dia 30 de setembro ao meio dia e um quarto o general Boulanger se matou com um tiro de revolver sobre a sepultura de M.me de Bonnemains.

A respeito d'esse suicidio achamos no *Figaro* um commentario delicioso

«O suicidio de Boulanger foi uma simples mudança de espectaculo sobre o grande theatro da Historia: devia representar-se a *Morte de Cesar* e representou-se *Romeu e Julietta*.»

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

INUNDAÇÕES EM HESPANHA

A imprensa diaria, deu noticia da horrorosa catastrophe, occorrida no paiz visinho, n'uma das mais antigas villas da provincia de Toledo, Consuegra, e em cada dia, a mesma imprensa tem publicado promenores d'essa desgraçada accorrencia, que encheu de luto, centenares de familias e que victimou milhares de vidas.

Não podia o Occidente, deixar de occupar-se d'este alarmante acontecimento, que acaba de ferir tão despiedosamente a Peninsula, e porque, como bons visinhos, sentimos tanto os infortunios do povo hespanhol, como nos regosijamos com as suas venturas.

E' assim, que iremos dar rezumida noticia da horrivel catastrophe, acompanhando-a com alguns desenhos das ruinas, por esta produsidas, copiados do nosso collega de Madrid, *La Ilustracion Española y Americana*, que se occupa largamente do assumpto.

E é ainda do referido periodico que tradusimos parte das linhas, que se seguem.

Consuegra, villa da provincia de Toledo, de cuja capital dista 55 kilometros, está situada na falda de uma serra, em um valle, cortado pelo Amarguillo, pequeno rio que nasce nas serras do termo de Urda e segue o seu curso pela direita d'esta villa, passando em seguida por Consuegra e Madridejos, onde se lhes junta o arroyo Valdespino, e com este nome, ou com o premittivo, continua por Camunas, Villa Franca de Caballeros e entra na provincia de Ciudad Real, chegando até Herencia, (proximo de Alcacer de San Juan), em cujo termino desagua no rio Ciguela, e ambos a curta distancia no Guadiana.

O Amarguillo devide Consuegra em dois bairros ou zonas, por onde se estende a povoação, e que se communicam por quatro pontes, das quaes tres são ainda de construcção romana restauradas em diversas epocas.

Consuegra compõe-se de duas freguesias, a de S. João Baptista e de Santa Maria. Tem dois conventos, um de religiosos Franciscanos, e outro de Carmelitas; tem ainda duas antigas ermidas a de Christo e da Vera Cruz e a de Nossa Senhora do Pilar. Em suas antigas ruinas, figuram o famoso castello, cuja fundação se attribue a Trajano, e um amphitheatro da mesma epoca romana. A povoação actual consta de tres bairros, o Antigo, o Novo e o do Cerro do Castello, formados por umas 2:100 casas e cerca de 10:000 habitantes.

O Amarguillo que, como dissemos, corre pelo meio da povoação, é de pequena corrente e só no tempo das chuvas engrossa mais as suas aguas; entretanto, ja em diversas epocas, pelo tempo das chuvas, tem innundado a povoação causando graves dannos, o que nem por isso tem servido de aviso para se fazerem obras que evitassem a repetição d'estes desastres, por que passado o perigo facilmente se esquecem estes excessos do pequeno rio.

Estes excessos transformaram-se em horrivel catastrophe, em a noite de 11 de setembro. Desde o dia anterior que o Amarguillo tinha principiado a crescer, em consequencia das abundantes chuvas que cahiam no termo de Urda. As suas aguas traziam troncos de arvores e instrumentos de lavoura, e a chuva, que continuou sem sessar no dia 11, cada vez elevava mais as aguas do pequeno rio, transformando-o em mar embravecido, que a pouco trecho invadia as ruas de Consuegra, e arrastava na sua corrente impetuosa e brutal quanto encontrava em sua carreira desordenada.

Isto passava-se já de noite, e de noite mais ainda se engrossava e alastrava a corrente, surprehendendo em suas casas os habitantes da villa, no seu primeiro somno.

Que triste despertar foi aquelle. As aguas entravam nas habitações, e cresciam sem cessar, arrombando as portas e as janellas, e levando os moveis na corrente. Os homens, as mulheres e as creanças, todos precuravam salvar-se das aguas que as queriam envolver no turbilhão, e n'esta lucta eram arrastados uns após outros, sem terem meio de se lhes escapar, porque os que não eram levados na corrente, ficavam sepultos sob as paredes das habitações que abatiam derrubadas pela força impetuosa das aguas.

Um quadro dessolador em que o numero das victimas subiu a dois mil, ficando destruidas mais de trezentas casas.

A nossa gravura de pag. 228 representa uma vista panoramica de Consuegra que dá uma idéa perfeita do estado de ruina em que ficou esta povoação. Esta vista abrange desde o derruido moinho de vento da rua da Hiedra até á egreja parochial de S. João Baptista, centro da maior destruição. A meio corre o Amarguillo cujas duas margens em toda a sua extenção estão cobertas de ruinas; em segundo plano vê-se o bairro novo que ficou totalmente destruido e aos lados o cerro do Castello.

A gravura que encabeça a pag. 229 representa a ponte da rua de *Urda* que atravessa o Amarguillo, onde se vêem bem os estragos produzidos pela cheia, devisando-se destroços de casas e moveis que a corrente arrastou.

Esta terrivel catastrophe occorreu precisamente quando o povo de Consuegra acabava de recolher as suas colheitas, o que valle dizer que estas tambem desappareceram na vorage da corrente, pelo que bem se póde dizer que, além dos milhares de vidas sacrificadas, das centenares de habitações deruidas, tambem se foram os alimentos, restando apenas aos que sobreviveram a tão grande desgraça, o luto, o desconforto e a fome.

Para acudir a tão grande calamidade tem sido abertas em Hespanha sobscripções publicas, á frente das quaes se encontra a sympathica rainha regente, não se fazendo esperar os soccorros por parte do governo, que para ali mandou logo engenheiros e operarios para procederam aos primeiros trabalhos de restauração e desentulhos.

Para o mesmo fim se tem aberto subscripções em Inglaterra, França e Portugal, mas parece que a Hespanha não deseja o soccorro de estranhos, porque algumas das suas folhas periodicas declararam que os soccorros da sua nação seriam sufficientes para acudir ás victimas sobreviventes.

Resta-nos fallar das inundações de Almeria, não menos importantes que as de Consuegra, embora não fizessem tantas victimas e estragos.

Ali a catastrophe occorreu no dia 12. Pelas oito horas da manhã principiou a cahir uma chuva torrencial que se prolongou até ás onze horas, acompanhada de forte trovoada que ameaçava destruir tudo.

As ruas, que pouco antes estavam cheias de transeuntes, transformaram se em rios caudalosos que se desdubravam pelas rampas de Alfareros, de Belén e do Bispo, innundando os bairros de Almadravillas, S. José, Alto e outros. As aguas invadiram os pavimentos terreos das casas, chegando á altura de tres metros, produzindo o desmoronamento de numerosos edificios e arrastando moveis e mais utensilios domesticos na sua corrente, assim como grande numero de pessoas das quaes se sabe terem perecido 16 além das feridas em numero de 60.

Não é possivel, diz uma testemunha de vista, dar uma idéa exacta do quadro luguebre, desolador, que apresentava a cidade depois da catastrophe; mais de cincoenta ruas ficaram destruidas e até os carros que estavam em algumas d'essas ruas quando principiou a tormenta, foram parar ao Mediterraneo; o telegrapho ficou destruido, arvores seculares foram arrancadas pela raiz; os muros das rampas, a canalisação do gaz, tudo ficou destruido pela força das aguas no curto espaço de tres horas

A gravura da nossa primeira pagina representa uma rua de Almeria, a do Gran-Capitan, onde as aguas subiram á altura de dois metros, invadindo as casas e inutilisando os moveis e roupas, a maior parte dos quaes foram na corrente.

E eis o triste quadro do que occorreu na visinha Hespanha, a quem desejamos dias mais felizes para compensação de tantas desditas.

CHOQUE DE COMBOIOS EM HESPANHA

Como se não bastasse ainda a horrivel catastrophe occorrida em Hespanha com as innundações de Almeria e de Consuegra, outra desgraça occorreu em a noite de 23 de setembro, no caminho de ferro do Norte, com o choque de dois comboios, proximo de Burgos.

Os nossos leitores já devem ter noticia d'este horrivel desastre que occasionou a morte a 15 pessoas além de 60 feridos mais ou menos gravemente, pelo que se pode considerar este desastre um dos maiores occurridos em linhas ferreas.

São verdadeiramente horrorosas as descripções que se tem feito de tão desgraçada occurrencia e entre ellas a que dava noticia do apparecimento de uma cabeça loira de menina de 18 annos, espetada n'um dos postes telegraphicos que se partira.

Esta formosa joven era a filha dos marquezes de Camarines.

Além d'esta gentil criança outras victimas houve, como dissemos, e nas mais conhecidas contam-se o jornalista hespanhol D. Lourenço Leal; D. Celestino Rios, magistrado; D. João Aburto, commerciante; D. Augusto Comas, jurisconsulto, que soffreu graves contusões e muitos outros de que não sabemos os nomes

A gravura que publicamos a pag. 229 representa o encontro dos dois comboios, cujas machinas se chocaram de frente despedaçando-se uma contra a outra; o tender do expresso levantado sobre a machina e com elle seis carruagens que o seguiam formando tudo um monte de ruinas sob as quaes jaziam os passageiros que iam n'ellas.

Os guardas civis e algumas outras pessoas que acudiram ao logar do sinistro, prestam os primeiros soccorros aos feridos e tiram as victimas de sob as ruinas.

Esta terrivel catastrophe foi motivada por descuido do pessoal, que é aliás lemitado para o serviço e em consequencia dos comboios não terem freios authomaticos.

E' geral o clamor que se levantou em Hespanha contra a incuria da Companhia dos Caminhos de Ferro, e o governo hespanhol mandou proceder a rigoroso inquerito sobre o occurrido afim de pedir estrictas contas aos culpados d'esta horrorosa desgraça, fallando-se já em exigir indemnisações á companhia pelas vidas perdidas.

CONSELHEIRO LOURENÇO DE CARVALHO

Falleceu no dia 3 do corrente, no Campo Grande, para onde fôra procurar alivios á sua fatal doença, o sr Lourenço de Carvalho, conselheiro de estado honorario, par electivo, vice-governador do Banco Hypothecario, vogal da Junta Consultiva de Obras Publicas, bacharel formado em Mathematica, e engenheiro dos mais distinctos.

Socumbiu a uma dolorosa enfermidade que ha annos principiou a tortural-o, a diabetes, e que em cada anno se foi aggravando até o seu desfeixo final.

E' de sentir a perda de este homem tão illustrado e intelligente, quanto honesto e prestante, Sem a preocupação da notoriedade, trabalhando seriamente, com a consciencia de quem cumpre um dever, era dos vultos mais sympathicos que figuravam na publica administração do nosso paiz.

O sr. Lourenço de Carvalho, era filho do sr. Manoel Antonio de Carvalho, barão de Chancelleiros e nasceu a 27 de fevereiro de 1837 fallecendo, com pouco mais de 54 annos de idade, quando havia tanto ainda a esperar da sua esclarecida intelligencia e bons serviços.

Tendo concluido os seus cursos na Universidade seguiu a carreira de engenheria civil e dirigio a construcção das linhas ferreas do Minho e Douro em que se destinguio vantajosamente.

Fontes Pereira de Mello, conhecendo os elevados dotes do illustre engenheiro, fel-o entrar na politica, e em 1865 o sr. Lourenço de Carvalho era eleito deputado por Villa Flôr. No parlamento affirmou os dotes da sua intellegencia e probidade politica de forma distincta, embora sem ruido como hoje se usa.

Poucos annos depois entrava como ministro das Obras Publicas em um ministerio presedido por Fontes Pereira de Mello.

Foi, porém de pouca duração este ministerio. Em 1878 entrou de novo para a pasta das Obras Publicas, no ministerio que Fontes então formou.

O seu governo foi sempre de boa administração e a elle se devem importantes melhoramentos publicos. Com a queda do ministerio no anno seguinte, deixou o sr. Lourenço de Carvalho um pouco a vida activa da politica, recusando a pasta de ministro que por diversas vezes lhe foi depois offerecida.

Foi lhe pouco depois confiado o cargo de vice-governador do Banco Hypothecario, logar que desempenhou até á sua morte com inexcedivel zelo e intelligente administração.

O sr. Lourenço de Carvalho, casou, em 1877, com a Ex.ma Sr.a D. Marianna Casal Ribeiro, filha dos Condes d'este titulo, e o seu lar onde o rodeavam seis filhos, era um modelo de virtudes, como a sua vida publica foi um exemplo de honradez.

E' duplo o sentimento quando com a perda de um homem intelligente se perde tambem um cidadão modelo em todas as suas relações sossiaes.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

De Castello Branco á Covilhã

Disse eu que até no troço de via ferrea que precede estas duas cidades, ellas se destacam profundamente uma da outra.

E assim é:

A's sombrias margens do Tejo, ás gargantas estreitas das portas do Rodam, ás escarpadas montanhas cinzentas que são, n'um longo percurso, o unico horisonte antes de chegar a Castello Branco, succede-se, logo passada esta estação, a vasta planicie verdejante, o largo ceu azul que a cobre, os immensos prados, as herdades cultivadas, amenas, cheias de arvoredos, de fructos apetitosos.

E' que vamos caminhando para aquella encantadora região chamada Cova da Beira, uma das mais ferteis de Portugal, com bellissimos fructos de pevide; a pera, a maçã, a melancia, já afamados em todo o paiz, e dentro em breve muito mais conhecidos, graças ao caminho de ferro.

Olhando sempre á direita, um vastissimo panorama coberto de verde em todas as suas tonificações; á esquerda a serra da Gardunha e depois a da Estrella, o viajante chega a Fundão de onde principia a ver ao longe a bella cidade para a qual se dirige, passando sobre a elegante ponte do Zezere, uma das mais pittorescas da linha.

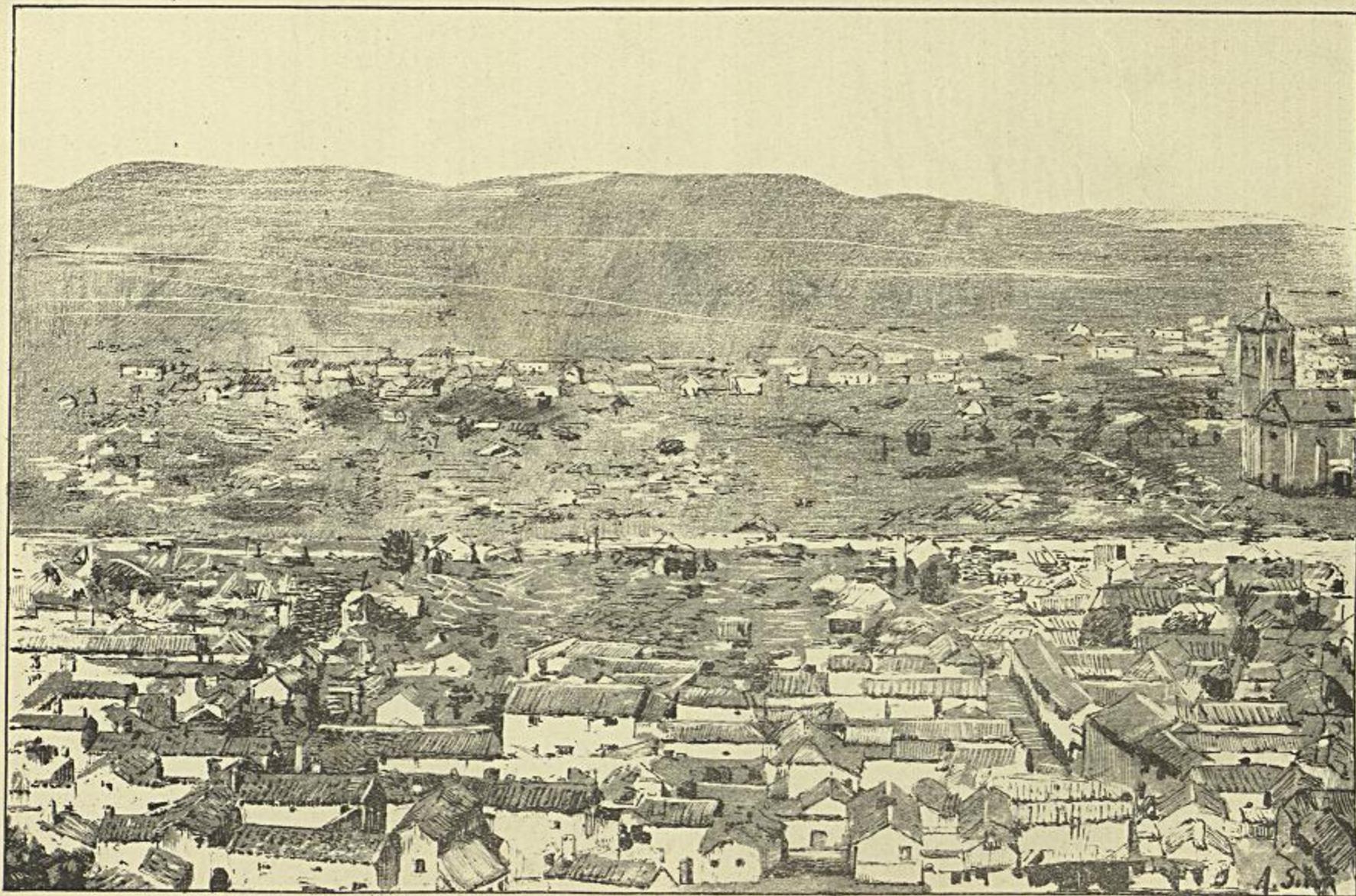
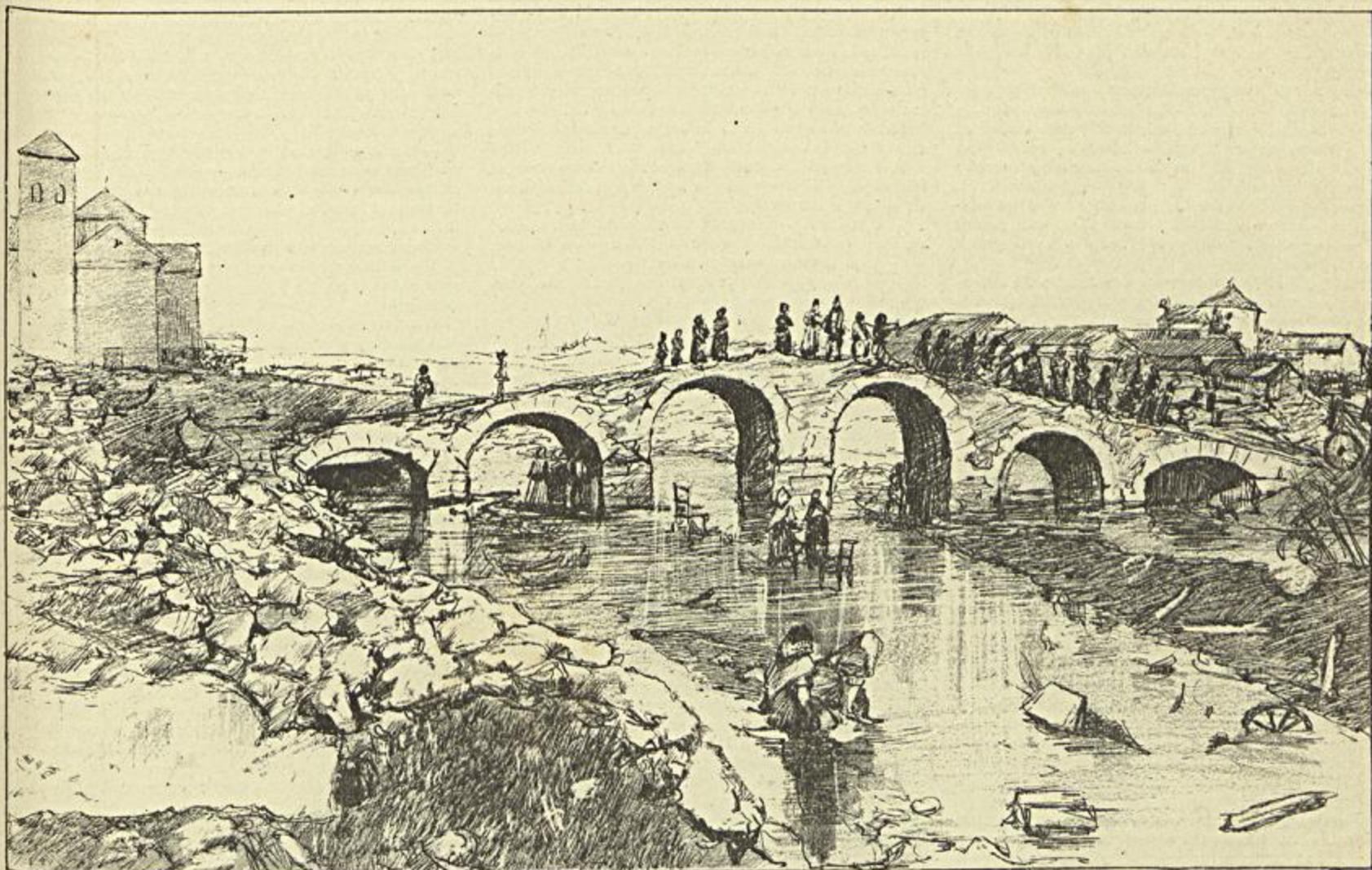
Chegamos emfim á Covilhã, e o espectaculo que se nos depara impressiona-nos logo agradavelmente.

A laboriosa cidade ostenta-se em amphitheatro na falda da alta montanha, com um aspecto verdadeiramente attrahente.

O caserio é enorme; alvejante, escalonado nos socalcos que formam aquellas tortuosas ruas, de maneira que poucos são os edificios que não fiquem em evidencia.

E esses edificios são enormes, compridos, de duzias de janellas uniformes, alinhadas, grandes, mostrando que no seu interior ha muito ar, e muita luz, e muita hygiene.

Não são luxuosos palacios o que ali vemos, não é a ostentação vaidosa de vastas moradias de ricos ociosos o que contempla quem, ao sahir da estrada, olha a povoação que se lhe defronta.

Aquellas enormes construcções encerram a acti-

VISTA GERAL DE CONSUEGRA DEPOIS DA INUNDAÇÃO, NA NOITE DE 11 DE SETEMBRO (Segundo desenhos publicados pela *Ilustracion Española y Americana*)

vidade sempre crescente da industrial cidade, o trabalho productivo, o labor incessante a que ella se entrega, com o empenho de quem n'isso tem o seu mais brilhante tropheu de gloria.

E de que é incessante tivemos a prova quando fomos á Covilhã, por occasião das festas da inauguração.

Duraram estas um só dia, mas para isso foi mister que a visita ás fabricas se fizesse sem descanço, seguidamente. Ninguem, desde os reaes viajantes até o mais modesto companheiro, como nós, da enorme caravana, deixou de se sentir fatigadissimo ao chegar a noite.

Imagine-se como estariam cançados os principaes influentes que desde oito dias não socegavam no empenho de tudo prepararem para aquelles dias festivos.

Pois no dia seguinte nem um deixou de entregar-se ao seu trabalho ordinario; todos estavam a postos, vencendo a fadiga com a sua vontade de ferro, porque ao seu genio laborioso repugnava prolongar algumas horas mais o indispensavel descanço

Todas as fabricas trabalhavam com afan, todos como que procuravam com empenho restaurar a demora de um dia perdido em folguedos.

E quando dizemos todas as fabricas, não nos referimos só aos grandes estabelecimentos fabris, mas tambem aos centenares de pequenas industrias caseiras. Porque a Covilhã, toda ella, é uma enorme fabrica, como a Suissa constitue toda um monumental hotel restaurant.

Não se anda um minuto por qualquer d'aquellas ruas, não se passa junto da mais pobre d'aquellas casas, sem que se ouça lé dentro trabalhar o thear.

E' por este labutar incessante que o aspecto moral da cidade se torna mais agradavel ao visitante.

Faz gosto ver como todos trabalham, sem sacrificio, alegremente, e como n'isso todos fazem constituir o seu bem estar, resulta que todas as classes se sentem bem, vivem contentes sem abastança, alguns, mas n'uma doce mediania que lhes dá um bom humor constante.

E assim que sendo, aliás aquella cidade uma das onde infelizmente, a instrucção está menos espalhada, onde a proporção dos analphabetos é maior, o povo da Covilhã é, em geral, delicado, respeitoso, obsequiador como poucos.

O velho rifão portuguez «casa onde não ha pão» justifica-se ali por anthitese. Ali ha pão em todas as casas e por isso ninguem ralha... mesmo que tenha razão.

A cidade em si pouco ou nada tem que ver. Algumas ruas são mesmo feias, poucos edificios modernos, não ha jardins publicos; um bom cemiterio, um pessimo mercado, egrejas vulgares, enormes rampas por toda a parte, bellissima agua, saborosissimas fructas, muita comida, eis em traços largos o que o visitante encontra.

Mas o que o encanta, o que o retem ali um par de dias, são as diliciosas vistas que se disfructam de qualquer ponto onde se encontre.

Assomar a uma janella, passar em frente de uma rua que corre perpendicular á montanha, é admirar a mais pittoresca paizagem campesina que imaginar se póde.

Para um lado a alta serra elevando-se imponente, coberta em grande parte de vetustos castanheiros e pinheiraes compactos; para o outro, enormissima extensão em que a vista se perde por sobre uma succesão de pradarias entre-cortadas apenas por alvejantes estradas. Eis o que é a Covilhã.

Como nota final que nunca é indifferente ao visitante — um muito rasoavel hotel, aceiado. confortavel onde o hospede é tratado com uma dedicação que toca as raias do carinho.

Que a respeito de carinho, diga-se a verdade, nada como o hotel do Franciseo, em Castello Branco.

Se até houve quem tivesse que pagar dois mil reis por jantar e uma pessima cama!...

Devem concordar que é carinho a valer.

L. de Mendonça e Costa.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XVIII

A DENUNCIA

Claudio de Castro apenas acabou de escrever a carta para Berthier mandou immediatamente entregal-a por um proprio.

Quando o coronel a recebeu das mãos da ordenança que servira de intermediario entre elle e o portador, escrevia Berthier [1] um extenso, relatorio provavelmente para informar Kellerman dos acontecimentos que ali se haviam dado. Berthier confirmava que Beja assim submettida não só seria uma segurança de obediencia futura, mas serviria tambem de exemplo a qualquer outra terra que tentasse levantar o grito da insurreição.

Berthier depois de ler a carta parou como para coordenar todas as suas ideias.

A carta não tinha assignatura e a letra parecia inclinada, de proposito a occultar o talhe usual de quem a escrevera.

— Está ahi o homem que trouxe esta carta? perguntou Berthier com pronunciado mau humor.

— Não senhor, meu coronel.

— Se vier alguem procurar-me que espere, porque não me demoro.

— Sim meu coronel.

Berthier saiu e dirigiu-se á Misericordia.

— Preciso fallar á directora d'esta casa.

A ajudante a quem Berthier se dirigira correu immediatamente a participar que estava ali o coronel Berthier, voltando em seguida com ordem de o mandar entrar.

— Preciso saber quantas doentes tem na enfermaria e que especie de doentes são.

— Umas pobres mulheres do povo a quem a miseria obrigou a recolher a esta casa. Quatro ao todo. Duas de idade mais avançada, as outras duas mais novas. Mulheres de vinte seis a trinta annos quando muito.

— E não tem outra doente?

— Uma senhora, parente do sr. dr. Fernando Telles, que está n'um quarto reservado, e que foi accommettida ha dias de um ataque de cabeça!

— E isso mesmo. Uma reclusa do convento de Nossa Senhora da Conceição, que desappareceu d'ali, que todos julgavam morta, mas que afinal se descobriu ter sido trazida para esta casa a occultas pelo sr. dr. Fernando Telles e Luiz Ferreira Lobo.

— E' possivel, senhor... Mas similhante facto constitue um crime.

— Gravissimo. Quanto mais que este se liga com uns projectos de sublevação de que novamente vamos estar ameaçados. Não sei ainda bem porque modo estas cousas se vão ligar, mas o que é certo é que havemos de apurar os factos e ver até que ponto sóbe a gravidade de uma denuncia que acabam de fazer-me.

— Uma denuncia?!

— Não necessito ver essa senhora; simplesmente lhe digo que a conserve presa á minha ordem; mas não communique nada disto ao sr. Fernando Telles, sem que seja necessario.

— Estou sciente...

Berthier saiu da Misericordia.

— Quem sabe, ia elle dizendo comsigo, talvez tenha na minha mão o fio de uma poderosa conspiração. E se eu podesse agarrar todos os cabeças e punil-os d'uma só vez, que immensa popularidade para o meu nome, e como em breve teria ganho outro posto de accesso.

Assim pensando Berthier entrou no seu quartel general, onde no vestibulo o esperavam varios individuos á paisana, que conversando fraternalmente com os soldados, se descobriram em tom respeitoso na passagem do coronel.

Berthier quando entrou na secretaria que estava sempre em movimento durante a noite, aproximou-se de um sujeito baixo e calvo que escrevia a uma das mesas forrada de baeta verde.

Este individuo era o sr Tussaud. Vivendo ha muitos annos em Portugal constituia um grande auxiliar para quem quizesse aproveitar o seu prestimo como interprete Conhecia o portuguez tão bem como o francez.

Apresentando-se em Lisboa á disposição de Junot, Kellerman requisitou-o para fazer parte da sua divisão, como empregado de secretaria, podendo assim prestar-lhe varios outros auxilios de que era susceptivel o seu prestimo valiosissimo para um estrangeiro.

Quando se tratou de atacar Beja, Tussaud pediu licença a Kellerman para acompanhar Berthier. A licença foi-lhe concedida e Tussaud não foi dos que menos proezas praticou, quer nas crueldades infligidas aos vencidos, quer no saque e muitas outras infamias praticadas pelos vencedores.

Apenas Berthier se aproximou de Tossaud este levantou-se e fazendo continencia perguntou:

— Tem alguma cousa a ordenar-me coronel?

— Tenho, prevenir os srs. officiaes para ámanhã de manhã reunirem em conselho na sala d'armas.

— Trata-se de algum caso grave?! Logo que tenha acabado de tomar o relatorio de toda essa gente, que vem vender o fructo da sua espionagem durante o dia, occupar-me-hei em fazer a circular para ser assignada ainda esta noite pelos srs officiaes.

— Se ámanhã o sr. Fernando Telles, e o seu ajudante por aqui vierem ler a ordem, antes de eu chegar. pede-lhes para esperarem por mim porque tenho algumas cousas de importancia a dizer-lhes...

E ordenando isto Berthier affastou-se.

Tossaud é que não voltara ainda a si do espanto que as ultimas palavras do coronel lhe tinham causado.

Estava tudo claro como agua.

A detenção de Luiz e Fernando Telles tinha decerto alguma cousa de commum com a reunião do conselho dos srs. officiaes logo de manhã. O que seria?

Tossaud era curioso, não diremos mais do que uma mulher, porque não queremos ser descortezes para com o bello sexo, mas quasi tanto como qualquer filha de Eva, por isso emquanto teve que estar escrevendo o relatorio das delações que vinham trazer-lhe notava-se-lhe uma continua impaciencia. D'esta vez, porém, o nosso *bom* Tossaud não teve remedio senão conformar-se e esperar. Se Fernando e Luiz fossem ler a ordem elle havia de usar de toda a sua habilidade para lhes apanhar alguma cousa que o illucidasse

Porem passou-se a noite veiu o dia seguinte e nada.

O conselho reunira-se, mas Luiz e Fernando não haviam ali ido ainda.

Berthier tinha recebido logo de manhã um officio de Fernando em que lhe communicava que tinha necessidade de ir a Baleizão tratar de um negocio de um seu amigo, porém que a toda a hora que estivesse de volta elle ali iria receber as ordens do seu coronel.

— Vae a Baleizão e não m'o occulta. Que audacia, hein? Provavelmente encontrar-se com o juiz de fóra de Marvão, que anda aliciando gente para entrar na villa. Conspiram na sombra, porém eu estarei álerta.

Ao voltar-se deparou com Tossaud que se conservava perfilado a respeitosa distancia, temendo interromper o monologo do seu coronel, afim de não lhe soffrer alguma expansão de mau humor em que era tão prodigo.

—Depressa Tossaud, já quatro homens de tua confiança a procurar-me esses dois patifes; mortos ou vivos quero-os aqui, ouviste. Com mil diabos ficas ahi de bocca aberta em vez de partir logo a marche marche... Meia volta á direita...

— E' que... meu coronel isso vae fazer-me perder um tempo infinito e os meus affazeres...

— Não admitto replicas sr. Tossaud... Quer ou não quer cumprir as minhas ordens?

— Prompto meu coronel, quer que prenda o sr. Fernando Telles e o sr. Luiz Ferreira Lobo?... Prompto a questão será eu encontral-os... São então dois criminosos de grande vulto?

— Que lhe importa?

— Perdão, meu coronel, é porque conforme a gravidade do delicto assim tenho de proceder... Detenho-os com bons modos, ou prendo-os quer elles queiram quer não e sem usar de palavras brandas?

— Sr. Tossaud, sr. Tossaud, não zombe da minha paciencia. Esses dois homens são dois conspiradores, dois patriotas, dois revolucionarios... Onde os vire prenda-os logo sem mais demora e conduza-os á minha presença...

Tossaud achou conveniente n'aquelle momento não fazer a mais pequena observação. Emfim sabia o que precisava! Luiz e Fernando eram tidos por patriotas .. Negocio de muito maus resultados, porque os processos eram summarios e muitas vezes não chegavam a decorrer vinte e quatro horas e já os criminosos estavam fuzilados! Mas como demonio tinham cahido aquelles dois rapazes em similhante tolice? Tossaud conhecia-os e até sympathisava com elles. porém agora que remedio havia senão cumprir as ordens do coronel.

Assim parafusando Tossaud foi chamar os homens de que precisava e dirigiu-se immediatamente a casa de Gustavo Telles, tendo o cuidado de deixar os companheiros a distancia para não causar suspeitas.

Fernando não estava, haviam saido muita cedo, elle e Luiz, para os lados de Baleizão e só viriam tarde, talvez até noite fechada.

Sem querer dizer para o que ia affastou-se e foi

---

[1] No decurso dos ultimos capitulos em que nos referimos a Berthier, chamamos-lhe por duas ou tres vezes general, quando é certo que elle apenas tinha a graduação de coronel e usava tambem o appellido de Marazin, porque muitos historiadores o citam. Kellerman é que era o general que commandava a divisão a cujo estado maior pertencia Berthier.

postar-se de sentinella n'uma venda de vinho de onde se via perfeitamente a casa dos *Telles*.

— E' provavel que antes de mais nada Fernando e o seu ajudante, que nunca o abandona, venham a casa... e então será essa um bella occasião de lhes pedir para irem á presença do meu coronel e até lhes escuso de dizer para quê. Depois lá o saberão...

Mandou embora os homens que o acompanhavam e foi sentar-se a uma das mesas que ficava mesmo em frente da porta. Via sem ter visto.

— No melhor panno cáe a nodoa... Quem diria que estes dois rapazes cahiriam na tolice de se metterem em politica... Diabo... E tenho pena d'elles, tenho, porque o caso é grave a valer e se não tiverem quem lhes acuda, ámanhã por estas horas tem cada um a sua duzia de ameixas no corpo...

Ouviu-se o trote de cavallos, Tossaud levantou-se como impellido por uma móla. Eram effectivamente Luiz e Fernando que chegavam.

Pareciam alegres. Tivera bom resultado, de certo o negocio que tinham ido tratar.

Tossaud dirigiu-se a elles.

(Continua) *Julio Rocha.*

OS MEUS LIVROS

XIV

No OCCIDENTE já fallámos largamente do auctor da *Historia do Infante D. Duarte, irmão d e el-rei D. João IV*; e hoje, n'esta secção diremos algo sobre a obra historica de Ramos Coelho.

São dois volumes.

O primeiro descreve com proficiencia, e estylo aprimorado de academico que só encontraria competidor no nosso chorado Latino Coelho, os primeiros annos de D. Duarte, os costumes da epoca, o solar de Villa Viçosa, a acção e preponderancia que sua avó, a duqueza D. Catharina, teve em Hespanha e Portugal; os preparativos, descripção authentica dos vestuarios da epocha, e ultimos dias de solteiro do futuro rei D. João IV; as inovações a que se procedeu no paço de Villa Viçosa por accedencia aos desejos da nova e cavalheirosa Duqueza D. Luiza de Gusmão; desintelligencias entre o futuro rei e o infante D Duarte; descripção da viagem do infante pela Hespanha, Italia e Austria até ao Tyrol; sua vinda a Lisboa; as aptidões do infante como maritimo quando em viagem da Hollanda para Portugal; bate dois corsarios na foz do Tejo; volta para a Allemanha, batalhas que feriu, victorias que alcançou. Rebenta a revolução de 1640 em Portugal, o infante não é avisado, isto prejudica-o, começa a *via dolorosa*; é preso D. Duarte por instigações do rei de Hespanha, que então dominava ainda muito na Allemanha. Filippe III, sabia que se D. Duarte viesse a Portugal, o reino, revoltado contra elle, converter-se-hia em nação invasora; por seu turno, D. João IV, tambem não lhe agradava muito a concorrencia do irmão á sua preponderancia; d'aqui o abandono do infante. Os portuguezes havendo em refens a duqueza de Mantua, ex-governadora de Portugal podiam negociar com vantagem a libertação de D. Duarte, mas tendo consentido na saida da duqueza de Mantua para Badajoz, peorou a situação do infante; finalmente depois de peripecias mais ou menos dolorosas entra em Milão.

Tudo isto que rapidamente indicamos, é admiravelmente desenvolvido em mais de setecentas paginas com methodo, proficiencia e uma descripção larga, succinta, copiosa de dados historicos, documentos respeitados, de toda a epocha, dos homens, dos paizes, e emfim da Historia, em que o sr. Ramos Coelho é autoridade primacial entre os que melhor servem a litteratura portugueza.

O segundo volume que abrange perto de oitocentas e noventa paginas n'elle continua o empenho de alguns amigos para libertar o infante, falla-se na cessão de Tanger á França ou á Hespanha afim de que D. Duarte de Bragança, em troca, recuperasse a liberdade. Parte activa que o conde da Vidigueira tomou na cruzada em favor de D. Duarte, intervenção oscilante e pouco franca do rei de Inglaterra; Luiz XIII de França parece, tambem, não se interessar em demasia pela sorte de D. Duarte de Bragança, pelo menos nunca os intermediarios do rei de França conseguiram cousa alguma em favor do infante; é verdade tambem que por esta epocha era Portugal quem dependia do Gabinete de Paris.

Entra o dinheiro em acção, propostas a diversos intermediarios para se obter a liberdade de D. Duarte de Bragança. Gasta a nação portugueza milhares de crusados sob o pretexto *de obter a liberdade do infante*, D. Duarte porem adoece e morre antes que se ultimem as negociações para esse fim, e é licito ficar em duvida sobre se com taes demoras haveria a intenção de socegar rivalidades que a presença do infante em Portugal decerto levantaria, ou se ellas eram realmente filhas das difficuldades occasionadas pelas guerras e acção diplomatica ou intrigas proprias do tempo.

Quanto a nós entendemos que a questão foi mal tratada por parte dos governos que por então dominavam o reino de Portugal, comquanto a doença e natural fraqueza de espirito de D. Duarte por vezes desculpasse algumas das hesitações da corte de Lisboa.

* * *

Respeitante á obra do sr. Ramos Coelho accrescentaremos, como simples confirmação do que já no OCCIDENTE dissemos, (n.º 443 d'este anno) o que o periodico allemão—*Die Gesellschaft. Monatschrif fur Litteratur, Kunst und Sozial politik* de Leipzig: —

Segue o artigo:

Litteratura portugueza

«Temos diante de nós a munumental obra d'um erudito, d'um investigador da historia portugueza da 1.ª metade do seculo 17.º e, ao mesmo tempo da historia dos povos europeus, na parte em que se liga com a tragica existencia do infeliz e glorioso heroe D Duarte: é a «Historia do Infante D. Duarte, irmão de el-rei D. João IV.» por José Ramos Coelho.[1]

«O poeta José Ramos Coelho, o mavioso lyrico o epico ao mesmo tempo commovedor e vigoroso o ideal e amoravel patriota é nosso conhecido pelos seus «Preludios poeticos», as suas «Novas poesias», a sua «Homenagem a Camões»; o fino e correcto traductor conhecemol-o na «Jerusalem libertada»; mas agora n'esta grande obra historica «D. Duarte» mostra-se-nos o poeta como investigador emminente e como excellente historiador. A vida do infeliz D. Duarte offerece um rico assumpto não só á historia mas tambem á poesia do drama e á pintura. N'uma linguagem fluente, mas vigorosa, sem enthusiasticas exagerações suas, no entretanto cheia de nobresa conta-nos o sr. Ramos Coelho, a mocidade, a educação do infante, as suas batalhas, os seus feitos na guerra dos 30 annos, ao serviço do imperador d'Allemanha que recompensou o seu sacrificio voluntario pela quebra de palavra e pela deslealdade. Por ordem d'Allemanha foi D. Duarte conservado preso em Ratisbona, Passau e Gratz, debaixo do pretexto de que tomara parte na separação de Portugal da Hespanha, e foi por assim dizer perfidamente vendido a Hespanha.

Na poderosa influencia d'este paiz naufragaram todas as tentativas de liberdade Da prisão de Gratz foi D. Duarte levado com grande escolta pelos hespanhoes, para o castello da Roqueta em Milão, no qual esteve preso 9 annos. Aqui succumbiu, ainda em verdes annos, aos seus soffrimentos corporaes e moraes. Durante a sua prisão manteve a mais activa correspondencia com os embaixadores ás côrtes européas; cada noticia da sua patria, á qual tinha o mais arrebatado amor e respeito, era-lhe como uma aurora de liberdade. Mas esta com seus raios de oiro nunca mais alvoreceu para elle: tornara-se a victima da politica traidora de duas potencias, que brandiam o açoute d'uma guerra de 30 annos. Como se reduzem a nada, quando lemos esta obra, a fidelidade e a honradez allemã tão celebrada pelos poetas! Immediatamente a Portugal é a Allemanha que tem de certo a maior parte e o maior interesse n'esta historia. Para Portugal é uma gloria vêr um dos seus mais nobres heroes, pelo desinteresse e pelo sacrificio, adornado com a corôa do martyrio, inviolavel na verdadeira dignidade humana: para a Allemanha é uma humilhação, que ella soffre perante si propria. A Historia do Infante D. Duarte lança sombras, mas tambem golpes de luz sobre a politica das potencias européas; descobre factos que foram d'uma influencia capital no desenvolvimento successivo dos estados. De certo não ha n'este grandioso escripto uma restauração historica, nem tão pouco nos desenvolve elle o quadro d'uma epocha com mysteriosos encarecimentos e convincentes palavras, mas é antes uma collecção de documentos, que, ligados uns aos outros e reunidos entre si d'um modo extraordinariamente habil, prendem a biographia d'um homem illustre com a historia dos povos europeus. Ramos Coelho trabalhou com objectivo historico. Não se descuidou de cousa alguma para colher os factos e dal-os com verdade e fidelidade, e não supprimiu o seu proprio juizo a respeito d'elles. A nobre comprehensão, a imparcial justiça do auctor, a sua minuciosa exactidão e inexgotavel paciencia para a procura dos documentos e manuscriptos são testemunho d'uma grande força d'espirito e de grandes aptidões. Não se poupou a trabalho algum. Depois de estudos e excavações e de annos em antigas bibliothecas, no Archivo da T. do Tombo, na collecção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lisboa, na Academia Real das Sciencias, na Bibliotheca Real da Ajuda e na de Evora, nos Archivos de Madrid e Salamanca, (aliás Simancas) e no Archivo do Estado de Milão, acabou o sr. Ramos Coelho uma obra que fará contar o seu nome entre os mais consciencioso e distinctos chronistas de todos os tempos e de todos os povos.»

«*H. Wigger*»

A' vista do bello artigo do sr. H. Wigger pouco mais temos a dizer.

Este distincto homem de lettras, que tanto honra o imperio allemão, faz justiça devida ao trabalho do nosso patriota e illustrado conterraneo, o auctor da *Historia do Infante D. Duarte*.

Ao ex.mo sr. Ramos Coelho agradecemos o envio da sua instructiva e brilhante obra historica, que hoje, com tanta justiça, se ostenta nas bibliothecas das Universidades do imperio allemão.

* * *

No proximo artigo fallaremos do *Ensino carcerario e o congresso penitenciario internacional de S. Petersburgo*, livro que acaba de nos ser offerecido.

Manoel Barradas.

[1] A «Historia do Infante D. Duarte» foi incorporado a todas as grandes bibliothecas das Universidade e Academias d'Allemanha.

NOVIDADES DA SCIENCIA

NOVAS LENTES COLORIDAS — Um capitão de navio, ao serviço do governo siamez, M. Loftus, imaginou novos vidros coloridos para os pharoes dos navios, que parece dar uma luz muito mais perfeita que os de crystal, empregados até hoje.

Compõem-se de dois grossos vidros de 6 m. m. de espessura comprehendendo entre elles uma camada de glycerina colorida.

Nos pharoes munidos d'este dispositivo, o vermelho é visivel a 8,3 kilom. e o verde a 5,5 kilom.

TUNNEL ENTRE A FRANÇA E A HESPANHA.—Depois de largos estudos e hesitações, o ministerio da guerra, francez, acaba de conceder auctorisação para se perfurar, atravez dos Pyrineus, um tunnel que porá em communicação a França com a Hespanha.

O novo tunnel, que ligará á linha Paulo-Oelron com a de Huesca-Canfranc, terá a extensão de cinco milhas, das quaes tres serão em territorio hespanhol.

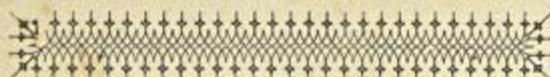
O PAPEL COMO ISOLADOR ELECTRICO. — A guttapercha torna se cada vez mais rara, e busca-se por todos os modos, fazel-a supprir por outras substancias que preenchem iguaes fins, e, principalmente, como isoladores nas instalações electricas.

M. Achhston, acaba de descobrir um modo de preparar o papel que permitte empregal-o n'este uso. Obtem-se este resultado tirando-lhe toda a gomma, residios e outras materias mineraes, taes como a silica que dão ao poder inductor uma certa valia.

Para fabricar este papel, diz o *Cosmos*, empregam-se de preferencia as fibras de manilha já utilisadas na papelaria. Levam-se a ferver, depois soffrem uma solução de carbonato de soda e de cal, tendo cuidado de as manter em reposo perfeitamente cobertas e enxutas.

As fibras lavadas, batidas, e limpas, são conduzidas no estado de *feutragem*. A massa obtida é transformada em papel sem addição de outra qualquer substancia.

O papel, mesmo como está, é cortado em tiras de 15 a 18 m. m. de largura. A machina enrola-o em seguida em helice sobre os conductores.

E' preciso notar que este papel é muito combustivel.

REVISTA POLITICA

Começam a apparecer no *Diario do Governo* as reformas e mais medidas administrativas, promettidas pelo governo no seu programma de economias e fomento da riqueza publica.

As concessões de grandes terrenos em Africa feitas a companhias particulares com poderes soberanos, é uma dessas medidas administrativas com que o governo pretende forrar-se aos enormes encargos coloniaes e fomentar ao mesmo tempo o desenvolvimento da nossa Africa Oriental.

N'este sentido ha já tres concessões feitas incluindo a da Companhia de Moçambique, e preparam-se outras para que não faltam pedidos.

Uma nova organisação administrativa da Africa Oriental portugueza, que o sr. ministro da marinha tem na forja, prestes a sahir á luz, deve completar a reforma por que vae passar a administração d'aquellas possessões portuguezas.

Pelo ministerio das Obras Publicas foi já publicada a reforma das escolas industriaes e agricolas, incluindo os Institutos de Lisboa e do Porto, e essa reforma, segundo o relatorio do sr. Franco Castello Branco, que a precede, realisa d'esde já uma economia para o thesouro de 84:000$000, promettendo economisar mais n'um futuro não muito remoto.

A synthese d'esta reforma é, alem da economia que as precarias condições do thesouro reclama, o simpleficar os cursos no sentido de os tornar mais praticos e portanto de mais utilidade, eleminando o que o tempo e a pratica tem mostrado ser superfluo ou pelo menos facilmente dispensavel.

E' de esperar que estas medidas levantem alguma opposição por parte dos que soffrem mais ou menos com as economias decretadas, mas como honra e proveito não cabe n'um sacco, é claro que para as finanças se equelibrarem, alguem hade soffrer, e a arte só está em fazer soffrer o menos possivel e ao menor numero, afim de que depois não venham a soffrer todos por completo.

Ora, segundo o referido relatorio, é justamente isto que o sr. ministro das Obras Publicas teve em vista, e só a pratica mostrará se as economias feitas não prejudicarão o ensino.

Dado o meio de ensino entre nós com toda a prolixidade de coisas inuteis e quasi que absuluta falta do que mais convem saber segundo a moderna arientação das sciencias, das artes e das industrias, não repugna acceitar a reforma do sr. Franco Castello Branco, uma vez que ella se basea em simplificar o ensino e tornal-o mais pratico.

Pelo ministerio da fazenda tambem vão apparecendo os monopolios promettidos, pois alem do dos alcools, que está costando a roer, já se annunciou o dos phosphoros, cuja base da licitação é de trezentos contos.

Ora vejam, quantos phosphoros é preciso queimar, para só o fisco lucrar com isso tão boa continha.

O que valle é a isca não entrar no monopolio, o que talvez faça com que a mesma isca venha a parecer-se muito com a Salvia Brava.

Quanto a economias por este ministerio nada consta, mas em compensação procura-se com grande afan, mais alguma nova especie colectavel para augmentar as rendas do thesouro.

N'este sentido até lembrou a batota, o que tem alvoroçado os animos a varios syndicatos.

Em verdade nós não vemos grande inconveniente em dar fóros de legalidade á roleta, uma vez que se legalisou a agiotagem clandestina, e procurando-se uma fonte de receita n'uma industria até aqui exercida a occultas, não é muito que se vá buscar uma sua irmã não menos rendosa.

Se mesmo se esmiuçar bem o caso, encontraremos razão ao camponio que affirmava ao seu rei que a profissão mais numerosa nos seus estados era a dos medicos, apezar de apenas serem conhecidos muito poucos.

A differença n'estes casos só está em que em vez de medicos são agiotas e batoteiros.

Quando ha annos se ventilou nas camaras uma qustão sobre o contrabando que se fazia com a loteria de Hespanha em Portugal, e se atacava o sr. ministro do reino por não pôr cobro a tão grande immoralidade, Antonio Rodrigues Sampaio que era então o ministro do reino, defendeu-se brincando com os seus adversarios e concluiu por dizer que até elle gostava de comprar o seu decimosinho da hespanhola. E com esta resposta todos riram e todos concordaram, até os proprios adversarios.

Agora fallando se em tributar o jogo, acham uma immoralidade semilhante tributo, porque emfim sempre é melhor jogar sem pagar tributo do que pagando-o.

Pelo menos é mais barato Não é assim senhores batoteiros.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Compendio de Desenho Linear Elementar *para uso dos alumnos d'instrucção primaria elementar e complementar, dos que frequetam o primeiro anno do curso dos lyceus, dos das escolas normaes, e dos das escolas de desenho industria.*, por José Miguel d'Abreu, professor effectivo da 19ª cadeira (desenho architetonico, desenho topographico, cartas e plantas de minas) do Instituto Industrial e Commercial do Porto; antigo professor proprietario da cadeira de desenho annexa á faculdade de Mathematica da Universidade de Coimbra; commendador da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; só io correspondente do Instituto de Coimbra. etc. etc. Obra approvada pelo governo, em conformidade com o parecer da Junta Consultiva d'Instrucção Publica (Diario do governo, n.º 121, de 30 de maio de 1882); approvada pelo Conselho Superior d'Instrucção Publica, nas sessões plenarias de 1885 a 1889 e pelo Conselho Scientifico da Sociedade d'Instrucção do Porto (1881). Oitava edição augmentada, contendo todas as definições de geometria synthetica exigidas no novo programma dos exames de admissão aos lyceus nacionaes. Primeira parte (Instrucção primaria elementar e primeiro anno do curso industrial elementar). Principios elementares de desenho linear á vista, precedidos do parecer do ex.mo sr. Joaquim de Vasconcellos acerca da terceira edição. Segunda parte. Primeiro anno do curso dos lyceus, instrucção primaria complementar, primeiro anno das escolas normaes e segundo anno do curso industrial elementar desenho linear á vista etc. Supplemento, fragmentos de ornamentação de diversos estylos. Coimbra, Imprensa da Universidade. 1890.

CONSELHEIRO LOURENÇO DE CARVALHO

VICE-GOVERNADOR DO BANCO HYPOTHECARIO — FALLECIDO EM 3 DO CORRENTE

(Segundo photographia)

De todos os compendios destinados ao ensino elementar do desenho nos lyceus, que conhecemos, e parece nos que conhecemos todos, é este sem duvida o mais completo e melhor elaborado, não só no methodo de ensino, como na parte material, em que o seu auctor attendeu á côr e contestura do papel mais apropriada e de mais duração para o effeito. Muito de proposito fallamos d'esta ultima circumstancia, porque a solidez d'este livro contrasta singularmente com a inferioridade do papel que em geral para ahi se emprega nos livros destinados ao ensino.

Dissemos que o compendio do digno professor sr. José Miguel d'Abreu é o mais completo e de melhor methodo e d'isso nos convencemos depois de um demorado exame. Seguindo o plano do professor austriaco sr. Joseph Grandaur, acommodou o compendio de que vimos de fallar, ao programma dos lyceus nacionaes, excedendo mesmo esse programma para remediar quanto possivel as dificiencias que elle contem, sem contudo exhorbitar para não provocar reclamações dos que estudam para fazer exame, mas não para saber.

Consciencioso na sua obra, facilita o estudo á criança ou ao adulto, fazendo-lhe comprehender d'esde o principio a utilidade do que lhe ensina, por meio de applicações praticas em que aproveite logo as primeiras lições. Só quem ensina sabe avaliar a grande vantage de fazer perceber ás crianças a utilidade do que estão aprendendo, logo que ellas vejam que com as primeiras linhas que fazem se podem compôr figuras que ellas percebem, principiando pelas lettras do alphabeto, que se formam com linhas rectas, e assim por deante, até aos objectos de uso domestico, e passando á parte ornamental a principiar por desenhar uma folha simples até á mais composta e á flôr, base de todo o ornato. Segue-se o desenho de solidos, conforme o programma dos lyceus, com applicação depois a objectos caseiros representados prespecticamente.

A parte da geometria synthetica é tão desenvolvida quanto o permitte o programma official, mas o que n'esta parte se torna mais notavel é a applicxação pratica d'essa geometria ao desenho de xadreses, gregas e ornatos em curvas, tendo ainda umas lições de exercicios de auguarela formando mosaicos, assim como cartas geographicas coloridas.

O supplemento á segunda parte consta de desenhos de ornato com as primeiras tintas de claro escuro, e em diversos estylos.

Em tão estreito programma, qual é o official para o ensino do desenho nas escolas primarias e secundarias, não se póde fazer mais no sentido pratico de tornar util o ensino. E' digno de todo o louvor o intelligente professor sr. José Miguel d'Abreu pelo seu excellenie *Compendio de Desenho Linear Elementar*, louvor que não lhe regatiamos, nós que sômos pouco propensos a estas prodigalidades.

Em outra noticia esperamos referirm'nos aos *Problemas de Desenho Linear Rigoroso* do mesmo auctor, com que tambem fomos brindados e que muito agradecemos.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43